

PERMANÊNCIA E SUBJETIVIDADE DISCENTE NA UFRPE: SAÚDE MENTAL, VIDA ACADÊMICA E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Marcos A. R. P. de Lucena¹
Marcos Vinicius Santos de Almeida²
Cibele Maria Lima Rodrigues³

RESUMO

Neste trabalho trazemos um recorte de pesquisa realizada numa parceria entre a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) que tem como objetivo investigar as condições de acesso, permanência e qualidade de ensino dos discentes, por meio de aplicação de questionários em todos os campus da UFRPE, numa amostra aleatória distribuída por percentuais. Os questionários aplicados buscaram investigar e visualizar o perfil dos estudantes, a dimensão das políticas de assistência estudantil, o fluxo acadêmico, e a subjetividade discente na UFRPE. Com relação à subjetividade discente, neste recorte analisamos os enfrentamentos vivenciados por estudantes da UFRPE, a partir de três eixos específicos, atendimento psicológico e saúde mental, dificuldades na vida acadêmica e perspectivas para o futuro. As perguntas e respostas aos questionários acerca das subjetividades, nossas variáveis de análise, foram agrupadas numa base de dados, e divididas em 3 (três) sub-blocos seguindo os eixos mencionados. As metodologias utilizadas neste trabalho foram basicamente de análise descritiva quantitativa e qualitativa com análise de discurso, construção de gráficos de similitude e análise de formação de classes. Na análise dos sub-blocos utilizamos tabelas e gráficos de frequências por campus para as variáveis, cruzando dados entre campus, raça, cor, sexo e subjetividades. Dos resultados parciais encontrados, trazemos como exemplo, que no sub-bloco 1, referente à saúde mental, temos vários relatos de problemas emocionais associados a deslocamento, alterações do sono, sensação de desânimo e ansiedade. No sub-bloco 2, temos a formação de classes relacionadas às dificuldades na vida acadêmica dos discentes, tais como deslocamento, dificuldades financeiras, carga excessiva de trabalhos estudantis e falta de hábito para estudos, já no sub-bloco 3, perspectivas de futuro, identificamos como relevantes para os estudantes, três perspectivas: seguir carreira acadêmica, com mestrado, doutorado, etc; entrar no mercado de trabalho; e concluir outra especialização.

Palavras-chave: Subjetividade Discente; Saúde Mental; Permanência Universitária

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos um recorte de uma pesquisa desenvolvida em parceria entre a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), cujo objetivo é investigar as condições de acesso, permanência e qualidade da experiência estudantil no ensino superior em Pernambuco. A pesquisa tem como foco um estudo de caso envolvendo docentes e discentes da UFRPE.

De acordo com dados institucionais, a UFRPE oferta atualmente 55 cursos de graduação distribuídos entre seus campi localizados nos municípios de Recife, Cabo de Santo

¹ Pesquisador Titular em C&T da Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, marcos.lucena@fundaj.gov.br

² Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, marcosviniciussa163@gmail.com;

³ Pesquisadora Titular da Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, cibele.rodrigues@fundaj.gov.br

Agostinho, Belo Jardim e Serra Talhada.

A literatura especializada evidencia que a permanência e o êxito dos estudantes no ensino superior estão fortemente associados à existência de políticas institucionais de apoio, tais como programas de assistência estudantil e ações afirmativas, além das formas de interação social e de organização coletiva que se estabelecem no ambiente acadêmico (Andrade, 2017; Schwartzman, 2013). Nesse contexto, o presente estudo busca delinear o perfil desses estudantes, analisando de que maneira as políticas de assistência estudantil contribuem para a construção de suas trajetórias acadêmicas e para a promoção da permanência no ensino superior.

A metodologia adotada apresenta um delineamento quantiquantitativo, combinando abordagens quantitativas e qualitativas de modo a assegurar a abrangência e a profundidade analítica dos dados coletados. No recorte aqui apresentado, são expostos os resultados da etapa quantitativa da pesquisa, realizada por meio da aplicação de um *survey* amostral, com questionários aplicados em todos os campi da instituição: Sede (Recife), Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho (UACSA) e Unidade Acadêmica de Belo Jardim (UABJ).

Os questionários aplicados buscaram investigar e visualizar o perfil dos estudantes, a dimensão das políticas de assistência estudantil, o fluxo acadêmico, e a subjetividade discente na UFRPE. Com relação à subjetividade discente, neste recorte analisamos os enfrentamentos vivenciados por estudantes da UFRPE, a partir de três eixos específicos, atendimento psicológico e saúde mental, dificuldades na vida acadêmica e perspectivas para o futuro. As perguntas e respostas aos questionários acerca das subjetividades, nossas variáveis de análise, foram agrupadas numa base de dados, e divididas em 3 (três) sub-blocos seguindo os eixos mencionados, sendo exploradas nos resultados deste trabalho.

METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa que fundamenta este trabalho adotou uma abordagem quali quantitativa, orientada teórico-epistemologicamente pelos estudos interseccionais, os quais permitem compreender as experiências sociais e, de modo particular, as experiências acadêmicas como resultantes da imbricação de múltiplos eixos de subordinação, tais como gênero, raça, classe, sexualidade e território. Essa perspectiva possibilita delinear a complexidade inerente aos marcadores sociais que estruturam a produção das desigualdades (Collins, 2000).

No que se refere à etapa quantitativa, a amostragem foi definida de forma não probabilística, a partir de quotas por área do conhecimento. O início da pesquisa foi marcado por processos formativos destinados ao conjunto de pesquisadores e pesquisadoras da equipe, com o propósito de promover uma construção coletiva e robusta de conhecimento acerca das juventudes e da educação superior, articulando tais temáticas às discussões sobre acesso e permanência.

A coleta de dados ocorreu mediante a aplicação de questionários estruturados, composto por 218 variáveis (V1 a V218), elaborados e discutidos coletivamente pela equipe de pesquisa, seguidos por procedimentos de análise orientados à resposta das questões centrais da investigação. Este recorte do cálculo amostral considerou as variáveis gênero, raça e a distribuição dos estudantes nos quatro campi da UFRPE, totalizando a aplicação de 2.068 questionários, de acordo com os parâmetros metodológicos previamente definidos.

No âmbito do recorte das subjetividades, as estratégias metodológicas envolveram análises descritivas quantitativas e qualitativas, com ênfase em análise de discurso, construção de gráficos de similitude e análise de formação de classes. Na exploração dos sub-blocos de dados, foram utilizados tabelas e gráficos de frequência por campus, permitindo o cruzamento de variáveis como raça, cor, sexo e subjetividades entre as diferentes unidades da UFRPE.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em termos mais amplos, a pesquisa tem como perspectiva a análise interseccional (COLLINS, 2022, p. 22), atravessada por sistemas de opressão interligados, como o racismo, o capitalismo e o sexismo, a LGBTFOBIA. Collins (idem) aborda a “heurística do poder”, os domínios: poder, disciplinar, cultural e interpessoal. Esses quatro princípios podem ser analisados de maneira simultânea ou individualmente.

Sucintamente, o domínio estrutural refere-se às políticas públicas e à maneira como elas regulam e moldam as instituições sociais. O disciplinar está relacionado às normas socialmente impostas, para reforçar ou para romper com as hierarquias sociais. O cultural, diz respeito às práticas e costumes estabelecidos em uma sociedade, os quais sustentam as hegemonias das desigualdades sociais ou alimentam movimentos contra-hegemônicos. Por fim, o domínio interpessoal manifesta-se nas experiências cotidianas de opressão vividas pelos sujeitos, marcadas pela interseção de diferentes formas de discriminação.

Nesse sentido, essas formas de opressão atravessam as práticas sociais, dentre elas as educativas. Considerando nosso foco na Assistência Estudantil o seu foco são sujeitos em situação de vulnerabilidade. Nesse debate, a interseccionalidade das vulnerabilidades é o

termo mencionado por Denise Botelho e Wanderson Nascimento (2016). Acrescentam a importância da lógica interseccional nos contextos de poder, enfatizando que ela influencia a distribuição de prestígio e sua ausência. Botelho e Nascimento (idem) defendem a transversalidade nas políticas de gênero e raça como uma estratégia para abordar problemas de forma multifacetada, reconhecendo que múltiplas identidades influenciam o acesso a direitos, serviços e oportunidades. Assim, diferentes formas de discriminação e exclusão se acumulam na experiência de diversos grupos, impactando as políticas públicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados foi realizada entre os meses de novembro de 2024 e fevereiro de 2025, abrangendo os diferentes campi da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). A investigação utilizou um questionário de natureza quantitativa, composto por 218 variáveis, aplicado a 2.068 estudantes dos cursos de graduação da instituição. A amostra contemplou as quatro unidades acadêmicas da UFRPE, distribuídas da seguinte forma: 895 respondentes na Universidade Federal Rural de Pernambuco (Sede), 422 na Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho (UACSA), 640 na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) e 111 na Unidade Acadêmica de Belo Jardim (UABJ).

Conforme mencionado anteriormente, foram realizados cruzamentos entre as variáveis raça/cor, sexo e subjetividades, a fim de identificar padrões e correlações entre os diferentes grupos analisados. O perfil dos respondentes encontra-se descrito nas Figuras 1 a 4, que apresentam, respectivamente, os cruzamentos entre cursos e raça/cor (Figura 1), cursos e gênero (Figura 2), cursos e renda (Figura 3) e cursos e cotas (Figura 4).

Figura 1 - Cruzamento entre cursos e raça/cor

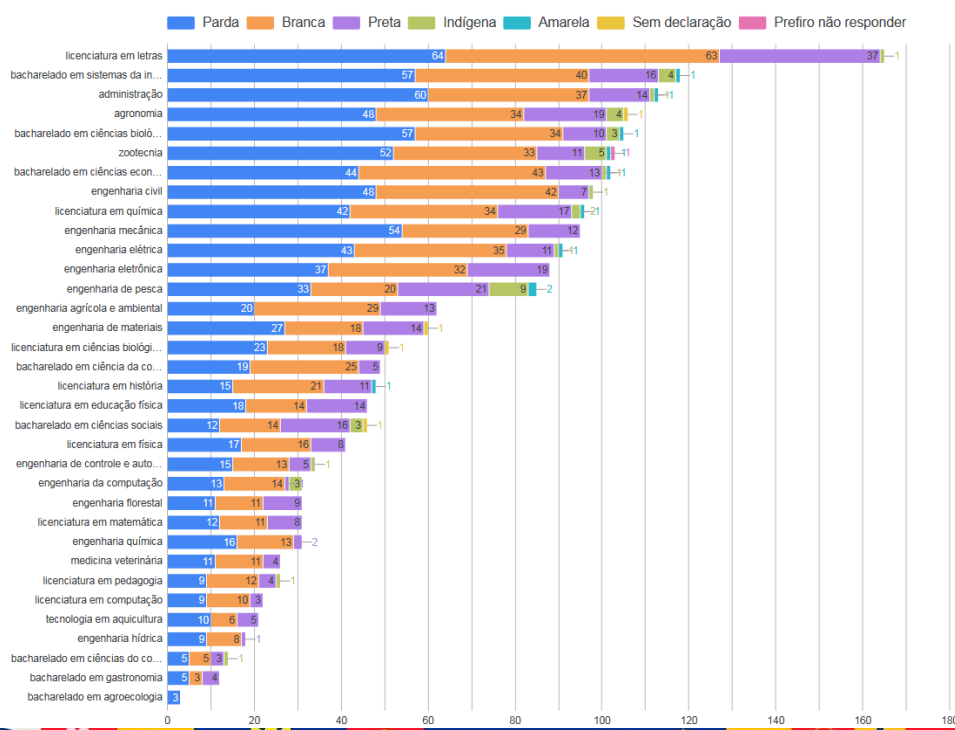


Figura 2 - Cruzamento entre cursos e gênero

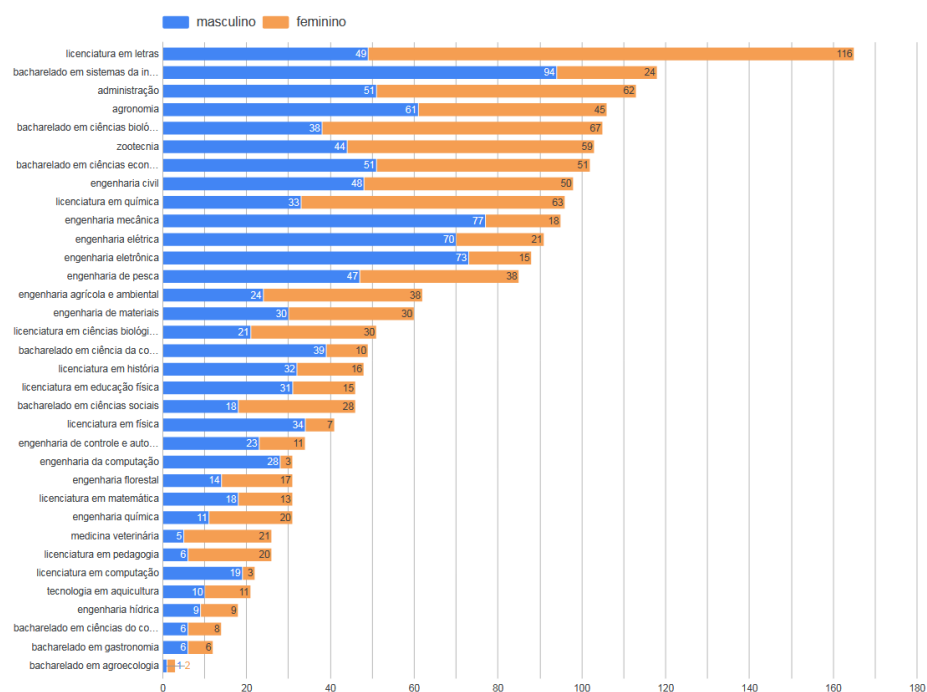


Figura 3 - Cruzamento entre cursos e renda

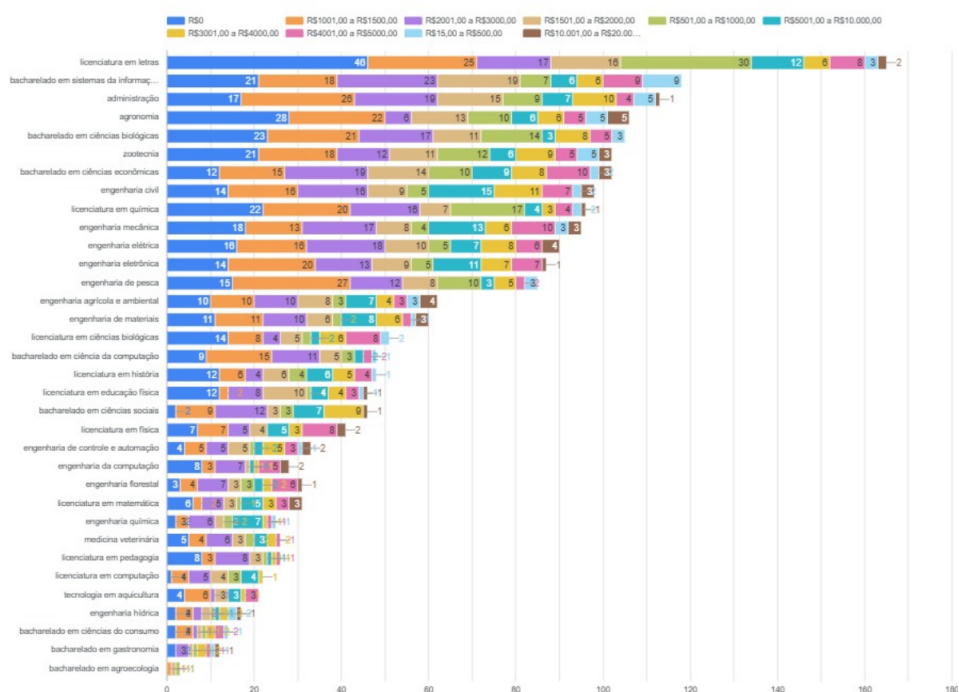
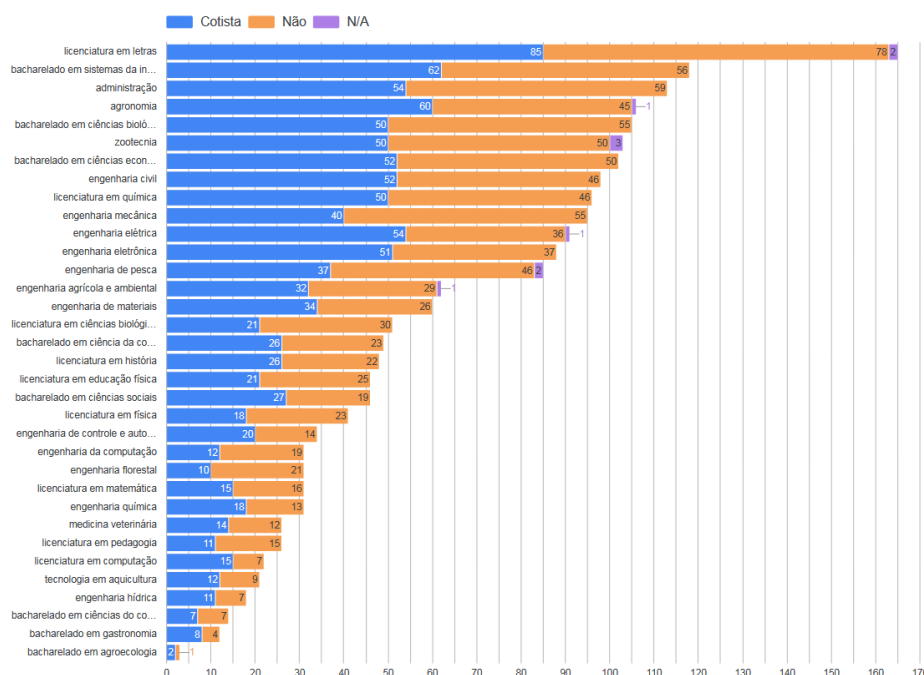


Figura 4 - Cruzamento entre cursos e cotistas



Dos gráficos, extraímos que a maior parte dos respondentes eram homens, autodeclarados pardos, com renda entre R\$0 e R\$1500 e ingressantes em algum tipo de cota.

Das 218 variáveis do questionário, este estudo foca nas que tratam das subjetividades discentes da UFRPE, correspondentes às variáveis V166 a V218. Para a análise, a equipe dividiu esse conjunto em três sub-blocos (V166–V185, V186–V199 e V200–V218) e organizou uma nova base de dados, com ajustes nas indexações, possibilitando análises qualitativas e de discurso, além da construção de gráficos de similitude após a formação de classes. Foram também elaboradas tabelas de frequência por campus e gráficos cruzando variáveis como campus, raça, cor, sexo e subjetividades.

No sub-bloco 1, referente à saúde mental, observam-se diversos relatos de problemas emocionais associados a deslocamento, alterações do sono, desânimo e ansiedade. As tabelas de frequência indicam que, entre os 2.068 estudantes respondentes, apenas 238 (11,5%) afirmaram utilizar o atendimento psicológico oferecido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Entretanto, 1.001 estudantes (48,41%) relataram ter enfrentado problemas que interferiram em sua vida acadêmica, majoritariamente relacionados à saúde mental e física. Destacam-se, entre esses, a ansiedade, mencionada por 701 respondentes (33,89%), e a insônia ou alterações significativas do sono, apontadas por 405 estudantes (19,59%). Embora a maior parte dos participantes (1.067 – 51,59%) tenha assinalado a opção “não se aplica”, a

análise da variável sexo revela que as mulheres apresentaram maior frequência de relatos relacionados à saúde mental, enquanto os homens, em sua maioria, tendem a não abordar o tema ou não utilizar o serviço psicológico da universidade, conforme demonstram as Figuras 5 e 6.

Figura 5 - distribuição por sexo nas variáveis V166 e V167

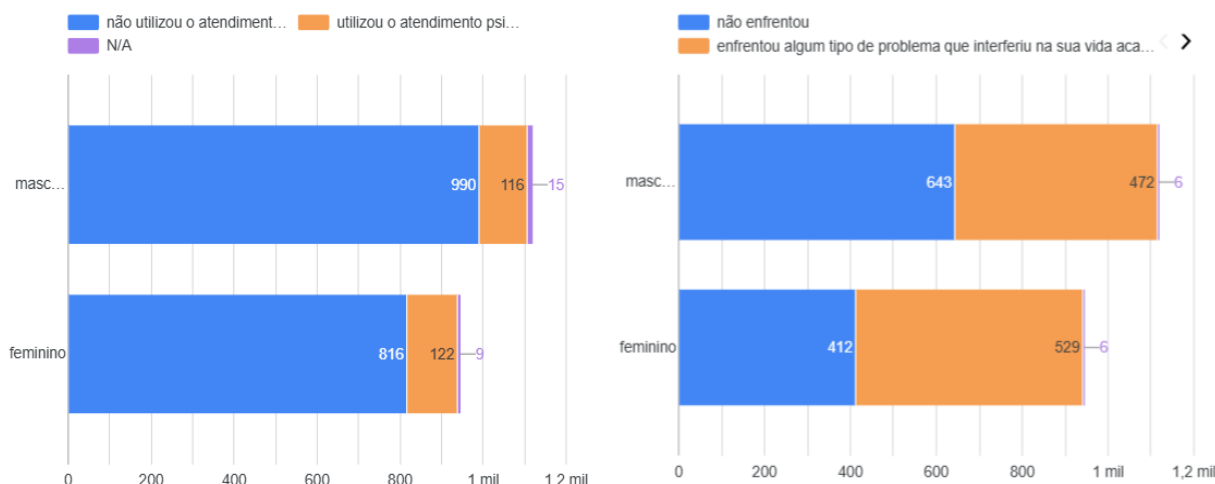
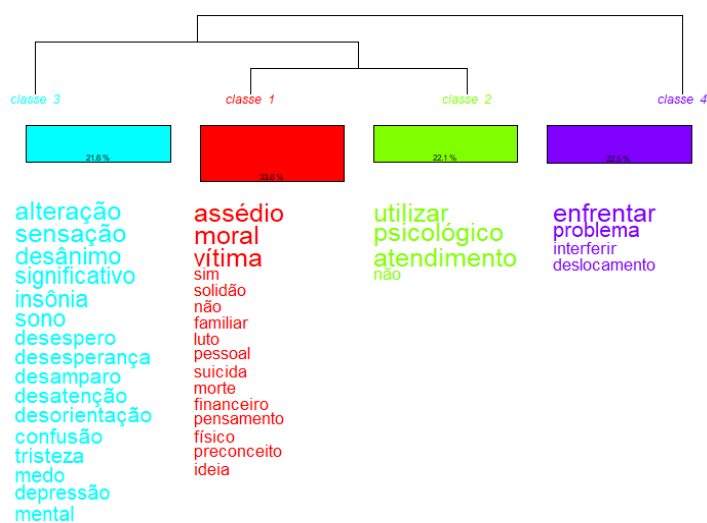


Figura 6 - distribuição por classes



A análise realizada com o auxílio de software livre resultou na formação de quatro classes, que apresentaram congruência com os dados das tabelas de frequência, reforçando a predominância de relatos relacionados à saúde mental. As classes indicam que as mulheres concentram maior número de menções a sentimentos de ansiedade, desânimo e alterações do sono, enquanto os homens demonstram menor adesão ao atendimento psicológico institucional.

Dando continuidade à apresentação dos resultados, o sub-bloco 2 (variáveis V186 a V199) aborda as dificuldades enfrentadas pelos discentes em sua trajetória acadêmica. A análise das respostas sugere que parte dos estudantes pode ter adotado uma estratégia de

marcar “Não” na maioria dos itens, possivelmente com o intuito de reduzir o tempo de resposta do questionário.

Entre os participantes que responderam “Sim”, destacam-se como principais dificuldades que impactaram a vida acadêmica as dificuldades financeiras, relatadas por 725 estudantes (35,06%); o tempo de deslocamento até a universidade, mencionado por 705 estudantes (34,1%); a carga excessiva de trabalhos estudantis, apontada por 486 estudantes (23,51%); e a falta de disciplina ou hábito de estudo, relatada por 402 estudantes (19,44%). Os cruzamentos entre gênero e raça/cor para essas variáveis estão representados nas Figuras 7, 8, 9 e 10.

No aspecto das dificuldades financeiras, 386 respondentes são do sexo masculino e 339 do sexo feminino, sendo 333 pardos, 220 brancos e 147 pretos (Figura 7 – Distribuição por sexo e cor para dificuldades financeiras). Em relação ao tempo de deslocamento até a universidade, 363 respondentes são homens e 342 mulheres, dos quais 289 se declararam pardos, 275 brancos e 129 pretos (Figura 8 – Distribuição por sexo e cor para tempo de deslocamento até a universidade).

Quanto à carga excessiva de trabalhos, 234 homens e 252 mulheres relataram tal dificuldade, sendo 226 pardos, 174 brancos e 75 pretos (Figura 9 – Distribuição por sexo e cor para carga excessiva de trabalho). Por fim, no item falta de disciplina ou hábito de estudo, 229 respondentes do sexo masculino e 173 do sexo feminino indicaram essa dificuldade, dos quais 180 se declararam pardos, 155 brancos e 57 pretos (Figura 10 – Distribuição por sexo e cor para falta de disciplina/hábito de estudo).

Figura 7 – Distribuição por sexo e cor para dificuldades financeiras

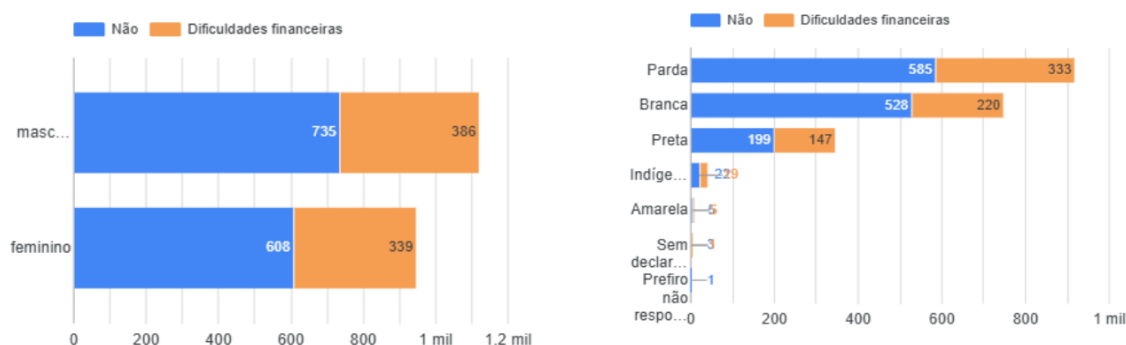


Figura 8 - distribuição por sexo e cor por tempo de deslocamento para universidade

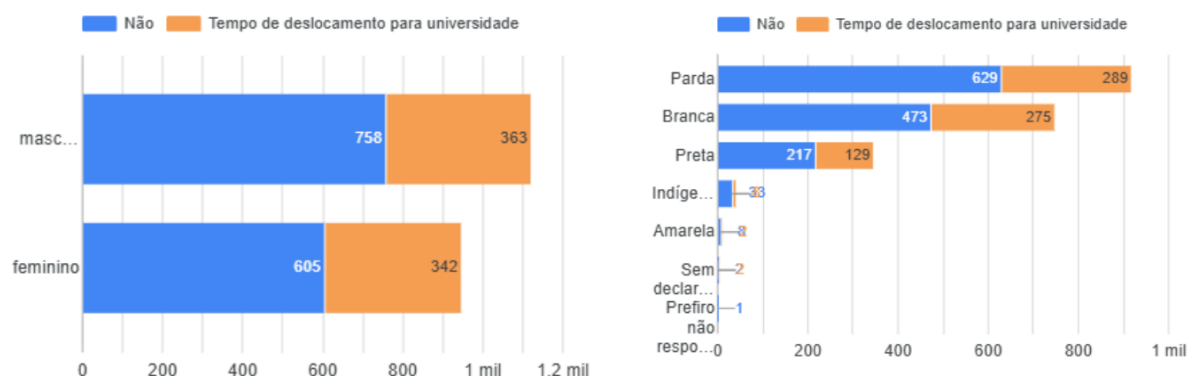


Figura 9 - distribuição por sexo e cor por carga excessiva de trabalho

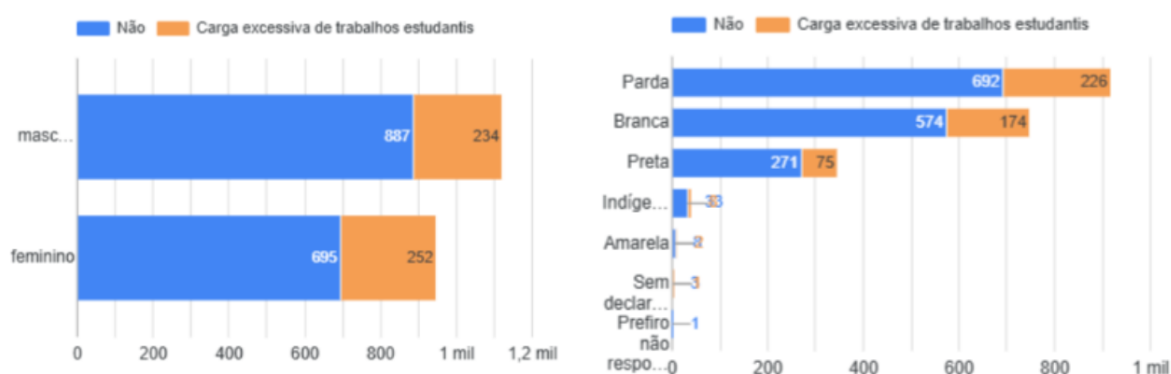
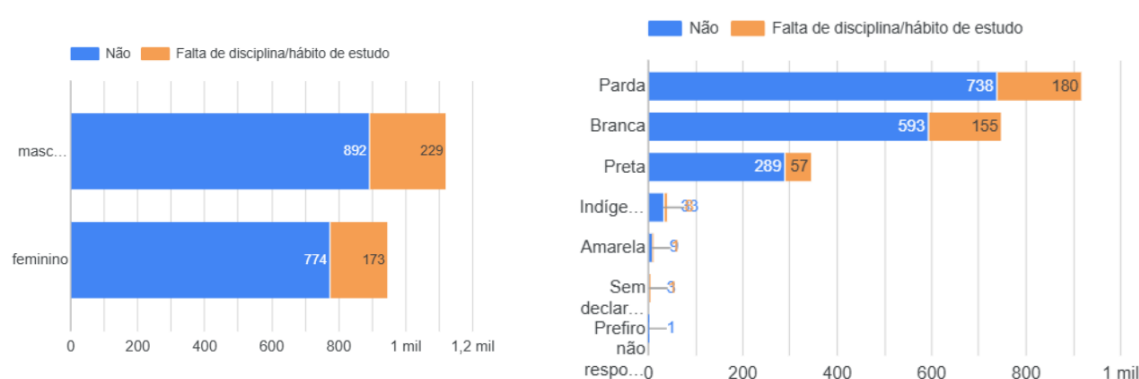


Figura 10 - distribuição por sexo e cor por tempo de deslocamento para universidade



Esses resultados evidenciam que as dificuldades acadêmicas dos discentes da UFRPE estão fortemente associadas a condições socioeconômicas, deslocamento e organização dos estudos, aspectos que variam de forma significativa conforme gênero e raça/cor.

O sub-bloco 3, referente às perspectivas de futuro dos estudantes, revelou três principais aspirações: seguir carreira acadêmica, ingressar no mercado de trabalho e realizar outra especialização. Na questão “O que você pretende fazer ao terminar o curso de graduação?”, os 2.068 estudantes responderam a sete itens independentes, totalizando 100% na soma das respostas “Sim” e “Não”.

A análise dos cruzamentos entre raça/cor e gênero para os três itens mais relevantes mostra que, para o item “Procurar emprego na minha área”, responderam “Sim” 614 homens e 487 mulheres, sendo 487 pardos, 411 brancos e 176 pretos. No item “Pós-graduação (mestrado, especialização, residência)”, 480 homens e 458 mulheres responderam “Sim”, dos quais 418 se declararam pardos, 334 brancos e 167 pretos. Já no item “Fazer concurso”, 303 homens e 270 mulheres afirmaram positivamente, sendo 253 pardos, 207 brancos e 93 pretos.

O último conjunto de itens está relacionado à pergunta “Como você se imagina daqui a 10 anos, em termos profissionais?”. As respostas mais recorrentes foram “Em um emprego com estabilidade financeira na minha área”, com 886 respondentes (42,84%), “Estar em um emprego na minha área”, com 780 respondentes (37,72%), e “Concursado na minha área”, com 718 respondentes (34,71%). Para o primeiro item, responderam “Sim” 491 homens e 395 mulheres, sendo 389 pardos, 322 brancos e 158 pretos. No item “Estar em um emprego na minha área”, 430 homens e 350 mulheres marcaram “Sim”, sendo 351 pardos, 275 brancos e 135 pretos. Já no item “Concursado na minha área”, 351 homens e 367 mulheres responderam afirmativamente, sendo 302 pardos, 256 brancos e 136 pretos.

De modo geral, os resultados apontam que as perspectivas de futuro dos discentes estão fortemente associadas à busca por estabilidade profissional e financeira, seja por meio de empregos na área de formação ou da aprovação em concursos públicos. Observa-se ainda uma expressiva participação de estudantes pardos em todas as categorias analisadas, o que reforça a relevância de discutir as relações entre raça, gênero e inserção profissional no contexto da universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as análises apontam para a necessidade de fortalecimento das políticas de assistência estudantil e de apoio psicossocial, como elementos fundamentais à promoção da permanência e do bem-estar discente. Além disso, ressalta-se a importância de que as ações institucionais incorporem uma perspectiva interseccional, capaz de compreender as desigualdades atravessadas por gênero, raça e classe. Por fim, os achados desta pesquisa

contribuem para o debate sobre acesso e permanência no ensino superior público, oferecendo subsídios para futuras investigações e para a formulação de políticas que ampliem as condições de equidade e de cuidado no contexto universitário.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior 2017**: divulgação dos principais resultados. Brasília - DF, Diretoria de Estatísticas Educacionais - Deed. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira -INEP. set 2018. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo&Itemid=30192> Acesso em: 14 mar 2022.

BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Interseccionalidade das vulnerabilidades: gênero, raça e políticas públicas. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). Educação e relações raciais: apostando na diversidade. Brasília: MEC/SECADI, 2016. p. 45–62.

COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.